



**ANTÔNIO DE PÁDUA MOREIRA
MARIA DE LOURDES TAVARES MOREIRA**

**PEPETELA: UM SONHO DE LIBERDADE PARA ANGOLA.
UMA LEITURA DE *MAYOMBE***

**LAVRAS- MG
2021**

**ANTÔNIO DE PÁDUA MOREIRA
MARIA DE LOURDES TAVARES MOREIRA**

**PEPETELA: UM SONHO DE LIBERDADE PARA ANGOLA. UMA LEITURA DE
MAYOMBE**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade Federal de Lavras, como parte
das exigências do Programa de Graduação em
Letras/Português, para obtenção do título de
licenciado em Letras.

Prof(a). Dr(a). Roberta Guimarães Franco Faria de Assis
Orientador(a)

**LAVRAS – MG
2021**

Ficha catalográfica

**ANTÔNIO DE PÁDUA MOREIRA
MARIA DE LOURDES TAVARES MOREIRA**

**PEPETELA: UM SONHO DE LIBERDADE PARA ANGOLA. UMA LEITURA DE
MAYOMBE**

PEPETELA: A DREAM OF FREEDOM FOR ANGOLA. A MAYOMBE READING

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade Federal de Lavras, como parte
das exigências do Programa de Graduação em
Letras/Português, para obtenção do título de
licenciado em Letras.

APROVADA em 12 de abril de 2021.

Profa. Dra Roberta Guimarães Franco Faria de Assis - FALE - UFMG

Dr. Ângelo Adriano Faria de Assis – DHI/UFV

Dr. Rodrigo Garcia Barbosa – DEL/UFLA

Prof (a). Dr.(a). Roberta Guimarães Franco Faria de Assis
Orientador (a)

**LAVRAS – MG
2021**

AGRADECIMENTOS

Agradecemos primeiramente a Deus por mais essa conquista. Agradecemos por todos os obstáculos que Deus coloca em nosso caminho, pois, nos momentos de dificuldades podemos não compreender, mas quando chegamos ao topo da montanha, reconhecemos na paisagem, a lição que Ele nos deu.

MUITO OBRIGADO (A)!

RESUMO

O presente estudo trata da apresentação de Arthur Carlos Maurício Pestana dos Santos (Pepetela), um dos grandes escritores de Angola, que escreveu inúmeras obras que retrataram contextos e vivências históricas de seu país, como articulado em sua obra mais conhecida, *Mayombe*. Além disso, esse relato traz a caracterização da polifonia e do tribalismo apresentado no romance. Para expor todos esses fatos e discussões, a pesquisa foi transcrita seguindo a metodologia bibliográfica com abordagem qualitativa. Essa obra caracterizada como romance, não é apenas uma composição escrita de ações entre personagens em busca da vitória de sua pátria, mas é a composição real dos fatos vivenciados na guerra contra os colonizadores portugueses, pela independência do país. De forma rica e fiel às questões históricas, *Mayombe* é o retrato de Angola pela luta nacionalista e libertária de seu território. Esta obra possui como características o tribalismo e a polifonia. O tribalismo é devido ao envolvimento de homens oriundos de várias tribos angolanas na guerrilha pela independência do país. Já a polifonia, se deve à pluralidade de vozes empregada pelo autor, que ora tem voz de narrador, ora tem voz dos personagens, agindo assim, na primeira e na terceira pessoa. Portanto, verificou-se que a literatura revela ações mais intrínsecas na busca de desejos e conflitos que podem, de forma harmoniosa, não só descrever a ficção, mas também a realidade. O tema desse estudo: “Um Sonho de Liberdade Para Angola. Uma Leitura de *Mayombe*” foi inteiramente justificado para a composição teórica e de pesquisa científica devido à sua contribuição ao universo da literatura, que por meio de um romance, trouxe o fator histórico que viveu a Angola, para a obra.

Palavras-chave: Angola. Pepetela. Literatura. Polifonia. Tribalismo.

ABSTRACT

The present study deals with the presentation of Arthur Carlos Maurício Pestana dos Santos (Pepetela), one of the great writers of Angola who wrote many works that portrayed contexts and historical experiences of his country as articulated in his best known work: *Mayombe*. In addition, this account brings the characterization of polyphony and tribalism presented in the romance. To expose all these facts and discussions, the research was transcribed following the bibliographic methodology with a qualitative approach. This book, characterized as a romance, is not just a written composition of actions between characters in search of victory for their homeland, but it is the real composition of the facts experienced in the war against the Portuguese colonizers for the country's independence. In a rich and faithful way to historical issues, *Mayombe* is the portrait of Angola for the nationalist and libertarian struggle of its territory. This work has tribalism and polyphony as characteristics. Tribalism is due to the involvement of men from various Angolan tribes in the guerrillas for the country's independence. Polyphony, on the other hand, is due to the plurality of voices used by the author, who sometimes have the voice of a narrator, sometimes the voices of the characters, acting in this way, in the first and third person. Therefore, it was found that the literature reveals more intrinsic actions in the search for desires and conflicts that can harmoniously describe not only fiction, but reality. The theme of this study: “A Dream Of Freedom For Angola. A Mayombe Reading” was entirely justified for the theoretical composition and scientific research due to its contribution to the universe of literature, which through a novel brought the historical factor that lived to Angola for the book.

Keywords: Angola. Pepetela. Literature. Polyphony. Tribalism.

LISTA DE ABREVIATURAS

FNLA	Frente Nacional de Libertação de Angola
IDH	Índice de Desenvolvimento Humano
MPLA	Movimento Popular pela Libertação de Angola
UEA	União dos Escritores Angolanos
UNITA	União Nacional para Independência Total de Angola

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 ANGOLA COMO COLÔNIA PORTUGUESA E A CONSCIÊNCIA ANTICOLONIAL	10
3 ARTHUR CARLOS MAURÍCIO PESTANA DOS SANTOS–PEPETELA: BIOGRAFIA 11	
4 O ROMANCE <i>MAYOMBE</i> DE PEPETELA	12
5 O TRIBALISMO E A POLIFONIA PRESENTES EM <i>MAYOMBE</i>	14
6 ANGOLA NO PÓS-INDEPENDÊNCIA.....	20
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	23
REFERÊNCIAS	25

1 INTRODUÇÃO

O presente estudo se trata da apresentação de Arthur Carlos Maurício Pestana dos Santos (Pepetela), um dos mais reconhecidos escritores de Angola e que produziu muitas obras que retrataram contextos e vivências históricas de seu país.

Pepetela escreveu, até o ano de 2018, 22 livros, dentre os quais se destacam *Muana puó*, *As aventuras de Ngunga*, *Mayombe*, *A geração da utopia*, *Parábola do cágado velho* e *A gloriosa família*. Porém, neste estudo, analisar-se-á especificamente, sua obra *Mayombe*, publicada em 1979, um romance que retrata o cotidiano dos guerrilheiros angolanos durante a guerra de independência.

Em *Mayombe*, Pepetela traz algo que viveu em sua realidade como um membro envolvido na guerrilha, de forma a relatar como foram os conflitos durante a busca pela independência de Angola, que estava sob o domínio Português.

No entanto, este estudo trará como destaque deste romance, a característica do tribalismo e da polifonia que foi utilizada por Pepetela para expor sua obra. O escritor relata por meio de sua obra, as diferenças que podem ser superadas quando existe um objetivo maior entre os povos. Por meio da polifonia, Pepetela deu voz aos que eram considerados como inferiores.

Portanto, este estudo será iniciado descrevendo um pouco sobre a história de Angola, envolvendo, principalmente, o domínio dos portugueses sobre o país, fato este que motivou a criação de alguns movimentos voltados para o interesse de tornar Angola um país independente de Portugal.

Após esta descrição, será realizada uma abordagem sobre o tribalismo e a polifonia, que foram características marcantes do romance *Mayombe* de Pepetela, escolhido para ser explorado neste estudo. Além disso, serão apresentados alguns autores que trouxeram discussões sobre estas características da obra.

2 ANGOLA COMO COLÔNIA PORTUGUESA E A CONSCIÊNCIA ANTICOLONIAL

Por causa do domínio de Portugal¹ sobre Angola a população africana começou a se conscientizar sobre sua dependência. Nesse cenário, a partir do ano de 1950, houve vários movimentos, principalmente estudantis, questionando o poder colonial português e a exploração dos povos africanos. Neste período, iniciou-se as mobilizações em prol da liberdade da Angola (AQUINO; LOPES, 2013).

A Casa dos Estudantes do Império (1944-1965), criada no contexto da política imperial do Estado Novo, se revelou um espaço de desenvolvimento da consciência anticolonial entre jovens africanos que viajavam para estudar em Lisboa (MATA, 2015). Neste espaço, diferentes estudantes de vários países se encontravam, o que impulsionou a contestação do colonialismo e de emergência do sentimento nacional, iniciando assim, a luta anticolonial e os principais movimentos independentistas das colônias portuguesas, como o Movimento Popular pela Libertação de Angola - MPLA (CASTELO, 2011).

Entre as décadas de 50 e 60, surgiram as primeiras organizações políticas nos territórios africanos que eram dominados pelos portugueses, principalmente em Angola. Dentre estes movimentos, merecem destaque o MPLA, o União Nacional para Independência Total de Angola - UNITA e o Frente Nacional de Libertação de Angola - FNLA (TUTIKIAN, 2006).

Em fevereiro de 1961, os angolanos começaram os conflitos, que se estenderam a Moçambique e à Guiné Bissau. Essa guerra só terminou em 1974, com a Revolução dos Cravos, devido, principalmente, ao regime autoritário conhecido como Estado Novo, que queria manter o “Portugal imperial” a qualquer custo e defender a sua história de ‘cinco séculos de colonização’ na África (FRANCO, 2012).

As relações de poder exercidas sobre o povo angolano não só lhes tirariam o direito à liberdade, mas também suprimiriam suas questões culturais (CAMPOS, 2008). Além da destituição do governo, havia um clamor para o fortalecimento dessa identidade cultural. Tudo isso vinha ao encontro dos pensamentos libertários de várias personalidades na luta contra os regimes colonizadores e que influenciariam o desejo de escrever uma história que denunciasse as partes mais frágeis de toda a sociedade, como também exemplificaria o grande potencial da vontade de mudar do próprio povo.

¹Em 1484, os portugueses chegaram em Angola, com violência, para dominar os povos que viviam ali. Os africanos foram feitos escravos e forçados a trabalhar em condições precárias. Além disso, foram trazidos para o Brasil, após sua descoberta, para trabalharem nas minas de metais, pedras e plantações, como a de cana-de-açúcar. Houve, portanto, um grande domínio dos portugueses sobre os africanos, que foram subjugados por muitos séculos (BONATTI, 2019).

3 ARTHUR CARLOS MAURÍCIO PESTANA DOS SANTOS – PEPETELA: BIOGRAFIA

A Casa dos Estudantes do Império motivou alguns de seus frequentadores ao interesse pela literatura, como Arthur Carlos Maurício Pestana dos Santos – Pepetela, onde esteve hospedado para concluir seu curso de arquitetura. Nesse período, Pepetela compôs a Assembléia Geral da Casa dos Estudantes do Império, onde publicou seus primeiros contos, em 1959, no boletim Mensagem. Um ano após o início da guerra pela independência em Angola, em 1961, Pepetela foge da convocação para o exército português em direção a Paris, onde permanece por seis meses, seguindo para a Argélia, onde se forma em Sociologia pela Universidade de Argel (ASSIS, 2013).

Pepetela atuou junto ao MPLA, e em meio à guerra, usou sua vivência como recurso para, posteriormente, escrever suas obras. Lyra (2019) apresenta Pepetela como um dos maiores escritores angolanos que viveram na casa dos estudantes, em Lisboa. Pepetela nasceu em Benguela, no ano de 1941. Todavia, se mudou para a cidade de Lisboa, em Portugal, na sua juventude, para concluir seus estudos.

Em 11 de novembro de 1975 Angola se tornou independente. Neste cenário pós-independência, Pepetela assumiu o vice Ministério da Educação no ano de 1980. Entretanto, ele não se manteve por muito tempo no cargo, pois tinha como objetivo dedicar sua vida a literatura (LYRA, 2019).

As vivências que teve na luta armada contra os portugueses fizeram com que o escritor tivesse suas obras compostas pelos retratos do sofrimento e submissão do povo angolano quando estavam debaixo da autoridade da colônia portuguesa. E em suas obras, emerge a necessidade de construção da identidade de seu país, que deveria tomar novas concepções após a independência (BONATTI, 2019).

O romance *Mayombe* é considerado uma de suas principais obras, que tem grande destaque, não somente em Angola, mas em diversos países, como no caso do Brasil, onde sua leitura já foi obrigatória em processos seletivos de algumas universidades (LYRA, 2019).

Pepetela inclina sua trajetória literária para a escrita de Romances. Em suas obras pode ser encontrada a história do povo angolano, suas culturas, aspirações e sonhos, como também todo o contexto histórico de luta política e social contra o governo português.

Como se tornou um notável escritor, Pepetela alcançou reconhecimento na área literária ganhando importantes prêmios, como o Prêmio Camões, que é, atualmente, um dos maiores prêmios que um escritor pode receber. No ano de 2002 recebeu o prêmio “A Ordem de Rio Branco” que é uma honraria oferecida pelo Governo do Brasil.

Além de Pepetela, outros escritores de Angola também se destacaram no cenário da literatura que envolvia a independência do país, Marcon (2011) relata que:

O que havia para ser lido em Angola, nas duas décadas seguintes à independência, eram os livros dos escritores associados à União dos Escritores Angolanos (UEA), entre eles: Agostinho Neto, Arnaldo Santos, Boaventura Cardoso, Henrique Abranches, José Luandino Vieira, Manuel Rui, UanhengaXitu, Rui Duarte de Carvalho, Pepetela e outros. Todos os membros do Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA) ou simpatizantes, e todos publicados pela UEA após a independência. (MARCON, 2011, p. 33).

4 O ROMANCE *MAYOMBE* DE PEPETELA

Pepetela escreveu o romance *Mayombe* antes da libertação de Angola. No entanto, a obra só pôde ser publicada após a independência do país. O tema abordado no romance poderia comprometer o movimento, por isso, foi suscrito em um momento e publicado somente após a sustentação do movimento libertário ser implantada, e estar vigente, e as lutas pela independência já estarem no passado (MARCON, 2011).

O romance *Mayombe* de Pepetela configura uma passagem real na vida do escritor, que foi um dos guerrilheiros em combate contra os portugueses nos anos de 1961 a 1974. Pepetela usa pessoas próximas, que conviveram com ele, para descrevê-las no romance. Essas pessoas que ele elenca na obra também fizeram parte do grupo de guerrilheiro MPLA.

Mayombe é o nome de uma região da África, e é uma narrativa que analisa profundamente a organização dos combatentes do MPLA, relatando as dúvidas sobre as contradições, medos e convicções que estimulavam os guerrilheiros em busca de liberdade no interior da densa floresta tropical. O MPLA não confrontava somente as tropas portuguesas, mas também as diferenças culturais e sociais entre as diversas etnias (cabinda, kimbundo, kicongo, bailunda), que procuram superar em direção a uma Angola unificada e livre.

Essa obra é dividida em cinco capítulos (A missão; A base; Ondina; A surucucu e A Amoreira) e um epílogo que relata diversas questões como o tribalismo, a luta pela identidade de povos, a questão de gênero, a falta de organização clara dos princípios revolucionários e um novo nascer após a guerra contra os Tugas. Pepetela assume uma ação escrita onisciente e

onipresente na descrição de todo o enredo (PRADO, 2018), que também esclarece que nessa perspectiva, o autor se coloca e postula vários conflitos de ideologias e interesses no decorrer do conflito.

Serrano (1999) fala que a obra pode ser concebida como um documento social. Isso por diversas razões: uma delas é o próprio conflito que Angola vivia para ter sua independência, e em outra, estaria Pepetela como um dos agentes responsáveis para articular uma luta contra um regime colonizador.

Conforme Serrano (1999, p. 02)

O romance de Pepetela é aqui tomado como um documento social pois, apesar de ficção, ele é escrito no momento de vivência do autor, onde o escritor, o militante e o cientista social, se relacionam intimamente para, através desta obra, captarem, uma realidade que faria parte de uma “história imediata. (SERRANO, 1999, p. 02).

Serrano (1999) relata que, pelo fato de Pepetela dar prioridade à voz de seus personagens em sua obra, colocaria em voga a necessidade da busca dos povos angolanos pelo clamor de sua liberdade e do respeito às identidades culturais e históricas, sobretudo, específica da problemática constituída na organização do povo pela luta de um país livre.

Pepetela não assumiria uma função somente de escritor de uma obra romancista, que tinha como pano de fundo a guerra e a busca pela liberdade de Angola, mas colocou nas suas palavras o seu testemunho de tudo que enfrentava dentro de seu país e das vivências como guerrilheiro. Além disso, os personagens da obra eram também representantes que participaram da guerrilha, juntamente com Pepetela.

Silva e Mattos (2015) afirmam que o romance *Mayombe* não foi escrito após a guerrilha, mas sim, durante ela, e assumiria características muito peculiares ligadas tanto ao anseio social de libertação, como a ações políticas de interesse de liberdade e constituição de uma nova organização do país, tornando-se uma República sólida, livre e de pertencimento ao povo angolano.

Desse modo, os guerrilheiros, e certamente de um grupo maior libertário, era afastar os colonizadores das instâncias de poder econômico, social e político de Angola. Não se poderia aceitar dentro do país, a colonização feita pelos portugueses se alastrando por muitos anos no comando político, agindo de forma mais desgastante entre os povos quando se privilegiava o regionalismo e o separatismo. E essa construção de debate foi trazida na obra de Pepetela.

O romance de Pepetela tem 2 personagens principais, que são: o Comissário (João) e Sem Medo, que era o comandante do grupo. Estes dois tinham uma relação de amizade muito

grande. Os demais personagens eram compostos por Teoria, que era professor de Base; Muatiânvua; Milagre; Mundo Novo, que era o intelectual ortodoxo que segue a teoria marxista como doutrina; Lutamos, que não ambicionava o poder e considerava o estudo desnecessário; Ekuikui, o caçador; Ingratidão do Tuga e; Vewê, que era um guerrilheiro promissor.

Todos os personagens criados por Pepetela tinham funções distintas que iam desde a incorporação do sofrimento da perseguição de um governo autoritário implantado em Angola, às questões mais intrínsecas do poder de interesse dos governos, como denunciado pelo protecionismo familiar e das classes mais elevadas incorporadas pela figura de Vewê.

Na floresta, os guerrilheiros tinham uma convivência de muitas privações, principalmente no abastecimento de comida, que tinha na figura de André a principal fonte de coleta e reposição, mas que não conseguia suprir todos os interesses do grupo de guerrilheiros. Na verdade, André assume duas posturas na obra: o que abastecia as tropas da guerrilha do MPLA e o amante de Ondina, que era noiva de João, principal líder dos guerrilheiros.

Em meio às guerrilhas, Ondina, que era professora na cidade de Dolisie, mantinha relacionamento com dois homens, André e o Comissário, pelo qual nutria um forte amor, carnal e prazeroso. Já André, era um caso secundário. Após a revelação do relacionamento de Ondina e André, ela rompe com o Comissário e tenta sair da cidade, mas a insistência do Comissário a fez ser sua amada novamente, e André é denunciado pelo Comissário, que foi julgado devido à situação de traição.

Além dos conflitos de guerra pela independência de Angola, *Mayombe* é marcada por romances, traições e mortes. Esses fatos são observados principalmente na vida de Ondina, que durante a exposição da obra, se encontra envolvida com 3 dos personagens de *Mayombe*: André, o Comissário e Sem Medo.

Sem Medo também relata sobre um relacionamento que teve com Leli, e que foi traído. Esta história de amor de Sem Medo terminou com fim trágico, com a morte de sua amada. Sem Medo, antes de sua morte, estava envolvido com Ondina. Neste cenário, ele traía o Comissário, que o tinha como um grande amigo e confidente. Contudo, Sem Medo perdeu sua vida para salvar o Comissário.

5 O TRIBALISMO E A POLIFONIA PRESENTES EM *MAYOMBE*

É importante dizer que todos os personagens relatados em *Mayombe* são compostos por diversas origens culturais e sociais, visto que Angola possui diversas tribos com identidades

próprias, mas comuns no anseio libertário, e incorporadas no mesmo grupo revolucionário, o MPLA.

Essas diferentes origens dos personagens como o Teoria, Lutamos, Milagre e o Comissário Político causariam algumas divergências no desenvolvimento da construção de uma identidade cultural no processo de independência e formação nacional. Nesse sentido, Pepetela, em sua obra, quer expressar sobre o tribalismo que realmente existe em Angola, e como essa origem gera discriminação, principalmente entre os próprios guerrilheiros no período da revolução.

Essa questão do tribalismo e das diferenças e conflitos entre eles é apontada por outros autores, como Serrano (1999) e Paiva e Oliveira (2016), os quais relatam que o povo angolano tem diferenças de interesses sobre a organização de sua sociedade e atividades, mas no romance *Mayombe*, mesmo havendo algumas divergências entre eles, os objetivos tornaram-se comuns, em busca da independência de seu país.

As tribos, por mais interesse que tivessem no fortalecimento de identidades e busca pela liberdade, tinham raízes fortes dos colonizadores europeus. Nesse sentido, Pepetela fala que precisaria também que o povo angolano se emancipasse intelectualmente. Paiva e Oliveira (2016) descrevem que o tribalismo trazido por Pepetela conota diversas características, como individualidade da busca dos processos de fortalecimento de cada uma delas.

Segundo Paiva e Oliveira (2016)

Logo, os termos “tribal” ou “tribalismo” não são bem quistos nas discussões intelectuais acerca da sociedade angolana, por terem sido empregados pejorativamente nos discursos hegemônicos europeus com o objetivo de menosprezar a cultura dos países africanos. (PAIVA; OLIVEIRA, 2016, p. 3410).

Mayombe ainda aborda sobre a questão do lado pejorativo em considerar, pelos europeus, o povo, a cultura e a história do povo angolano, como fonte importante da identidade de construção nacional. Abarcaria sobre ela, as questões do Estado colonizador como propositivo de suas próprias raízes culturais e européias como sobreposta à cultura do povo angolano.

A obra mostra que a questão revolucionária contra os colonizadores só seria possível por intervenção e interesse do próprio povo, que por organização de suas diretrizes, indiferente de suas origens tribais, poderia conseguir feitos desejáveis, do qual as massas populares são as principais responsáveis pela origem revolucionária, e não somente por meio de um único indivíduo, havendo a necessidade da união do povo.

Essas relações tribais também foram apontadas por Serrano (1999)

As relações das pessoas dentro da organização ou são explicitadas através de atributos somáticos (isto é, as relações entre brancos e negros, negros e mestiços a relação totalizadora de negros, mestiços e brancos), ou então, num outro plano, por meio das relações interétnicas (através dos grupos locais, da região, da língua e até mesmo da religião). Também o grau de instrução e o lugar ocupa-do na hierarquia explicitam relações específicas entre as pessoas. (SERRANO, 1999, p. 134)

Com isso, Pepetela tenta despertar nos seus leitores a importância do ajuntamento de grupos que visassem um único objetivo, que no caso de *Mayombe*, foi a união de diferentes tribos em busca da libertação de Angola, que estava sob o domínio de Portugal, conforme Pepetela (2013)

Se o povo antes traía, havia razões. Não estava politizado, o Taty enganou-os e eles acreditavam que o tuga ia mudar de política e que éramos nós que impedíamos, porque teimávamos em fazer a guerra. E Ingratidão estava esclarecido. Quantos papos batemos nós para explicar como se deve tratar o povo? Os erros anteriores não justificam um erro presente. E só pode haver um castigo. Somos nós que permitimos estes erros que estragam as nossas relações com o povo. Somos nós, com a nossa fraqueza, o nosso tribalismo, que impedimos a aplicação da disciplina. Assim nunca se mudará nada. (PEPETELA, 2013, p. 39).

Além disso, *Mayombe* é caracterizada pelo fato de o autor passar da voz de narrador para as vozes dos personagens, agindo assim, na primeira e terceira pessoa, ou seja, a presença de pluralidade de vozes, sendo qualificada como uma construção polifônica do romance.

Conforme Silva e Mattos (2015)

[...] em *Mayombe*, uma estruturação de vozes que gira em torno de três eixos: o autor implícito, responsável por articulá-las, o narrador em terceira pessoa, ligado ao protagonista do romance, e o narrador em primeira pessoa, que se desdobra em relatos testemunhais de diferentes personagens. Se a partir de A geração da utopia o autor implícito de Pepetela passa a se apresentar através do “sequestro” da voz narrativa, numa atitude que o explicita, aqui ele se contém no papel de organização das vozes, confluindo a voz narrativa em terceira e em primeira pessoa para um ponto de convergência, a luta contra o colonizador, ainda que em suas manifestações estejam pontuadas as divergências presentes nessa luta. (SILVA; MATTOS, 2015, p. 300).

Nesse sentido, ora o escritor se colocava na terceira pessoa, ora se apresentava como narrador na primeira pessoa. Neste último caso, a obra *Mayombe* é constituída de 8 diferentes narradores na primeira pessoa, sendo eles: Teoria, Milagre, Mundo Novo, Muatiânvua, André,

Chefe do Depósito, Chefe de Operações e Lutamos. As narrativas da primeira pessoa geralmente são compostas por trechos curtos.

A obra traz um narrador onisciente e onipresente que se intercala com as personagens no papel de narrador da história, caracterizando a obra como polifonia. A presença da voz dessas personagens representa a pluralidade, a diversidade do grupo MPLA e de Angola (de etnias, pensamentos, ideologias). Além disso, essa polifonia é uma forma de mostrar a democratização na própria forma do texto, no qual Pepetela dá voz aos oprimidos.

Esse aspecto polifônico da obra pode ser observado no seguinte trecho:

Eu, O Narrador, Sou Teoria.

Nasci na Gabela, na terra do café. Da terra recebi a cor escura de café, vinda da mãe, misturada ao branco defunto do meu pai, comerciante português. Trago em mim o inconciliável e é este o meu motor. Num Universo de sim ou não, branco ou negro, eu represento o talvez. Talvez é não, para quem quer ouvir sim e significa sim para quem espera ouvir não. A culpa será minha se os homens exigem a pureza e recusam as combinações?

Sou eu que devo tornar-me em sim ou em não? Ou são os homens que devem aceitar o talvez? Face a este problema capital, as pessoas dividem-se aos meus olhos em dois grupos: os maniqueístas e os outros. É bom esclarecer que raros são os outros, o Mundo é geralmente maniqueísta.

O Comissário Político, alto e magro como Teoria, acercou-se dele.

— O Comando pensa que deves voltar ou esperar-nos aqui. Dentro de três dias estaremos de volta. Ficará alguém contigo. Ou podes tentar regressar à Base aos poucos. Depende do teu estado. (PEPETELA, 2013, p. 4).

No trecho supramencionado, observa-se que a palavra é dada aos oprimidos, o domínio da narrativa é dividido com os personagens guerrilheiros, representando, dessa forma, a diversidade de etnias e pensamentos libertários dos guerrilheiros em relação à Angola.

Além disso, Pepetela em *Mayombe* dá voz aos personagens que são de diferentes tribos, também como forma de expressar as individualidades advindas das tribos que foram representadas na obra, demonstrando assim, que povos com muitas diferenças podem se unir e suprimir essas diferenças quando há busca de algo maior em questão.

A polifonia criada por Pepetela, da voz aos personagens que trazendo para dentro da narrativa uma justificativa de sua existência dentro do contexto. Dessa forma, o escritor faz com que cada personagem se assumia e faça um breve relato de sua passagem diante da sua parte mais atuante na obra. Com isso, tem-se a idéia da história que ocorre em Angola no contexto narrativo, a multiplicidade de vozes, que representa uma definição da resistência africana frente ao colonialismo português.

Ocasões em que o narrador dá lugar à 1ª pessoa na obra;

“EU, O NARRADOR SOU TEORIA” (PEPETELA, 2013, p. 21), a partir da introdução deste personagem teoria descreve sua atuação na guerrilha como professor, e sua presença no tribalismo por ter um pai branco, em sua narrativa descrevem a exclusão à que é submetido remetendo dentro de sua polifonia o tribalismo.

“EU, O NARRADOR SOU O MILAGRE” (PEPETELA, 2013, p. 35), em primeira pessoa milagre destaca sua posição dentro da guerrilha com bazukeiro, descreve as atrocidades que tiraram a vida de seu pai, a fuga com sua mãe e a luta por liberdade e justiça. Dentro do movimento expressa o tribalismo uma vez que é Kimbundo, e expõe a fraqueza da direção e do movimento em deixar que kikongos que dominam o MPLA na região e enfraquecendo o movimento.

“EU, O NARRADOR SOU O MILAGRE”, O HOMEM DA BAZUKA (PEPETELA, 2013, p. 47), milagre faz nova introdução dentro da narrativa, com observação crítica à sua volta, descreve a ação do Comandante, em devolver o dinheiro que foi roubado do camponês. Faz uma alusão do julgamento ao tribalismo que permeou no julgamento da ingratição e a pena que o Comandante aplicou, uma vez que é Kikongo e o Ingratição, que fora julgado por roubo é Kimbundo. A referência ao tribalismo e ao colonialismo permeia em sua fala ao destacar que há “tribalismo justo e tribalismo injusto”. Novamente remete à morte de seu pai e descreve a revolta ao colonialismo que destruiu sua família e implanta a injustiça ao povo genuíno.

“EU, O NARRADOR SOU NOVO MUNDO” (PEPETELA, 2013, p. 101-102), Mundo Novo expõe o conflito que vivo e Comandante Sem Medo e seu mais protegido membro o Comissário que começa a afrontá-lo, expõe a tendência marxista do Comandante e abre uma idéia da troca de poder devido ao desgaste apresentado pela direção da guerrilha baseado na atitude do comandante que perde a estabilidade ao saber que está sendo enganado por uma aposta ao seu parente o Vewê.

“EU, O NARRADOR SOU O MUATIÂN VUA” (PEPETELA, 2013, p. 119), Muatiânvua expõe a dominação e a exploração da terra onde causa a morte de seu pai e a etnia kimbundo de sua mãe descreve suas profissões e suas andanças com marinheiro, o mais centrado dentro do anti-tribalismo, onde destaca a convivência pacífica com meninos quando criança, mulheres quando adulto, e se opões a escolher uma tribo para se definir, e mesmo se limitar a um lugar. Sabe fugir do de tudo que é limitador buscando força onde se enfraquece e se impondo onde há imposição.

“EU, O NARRADOR SOU ANDRÉ” (PEPETELA, 2013, p. 169), André relata sua prisão, e seu destino, e acredita que terá desvantagem em seu julgamento, pois os kimbundos que dominam foram enfraquecidos pelos kikongos que são dominados, assim Sem Medo, e o

Comandante arquitetou em planejar que ele não resistisse sua tentação por Ondina. E assim o fez e não se arrependeu, pois tinha uma atração forte por Ondina. Descreve a forma que o tribalismo pode abalar a mudança de hierarquia dentro do movimento, e como o movimento atua para não perder a direção.

“EU, O NARRADOR SOU O CHEFE DE DEPÓSITO” (PEPETELA, 2013, p. 184), O Chefe de Depósito descreve que abandona a esposa para lutar em uma guerra que acreditava acabar logo, porém não aconteceu, descreve as traições do próprio povo em atuar contra o povo na luta, e descreve que a mentira não é de uma só tribo e si de todas, podendo ser kikongos, kimbundos, umbundos ou mulatos, todos podem ser traidores. Muitos colaboram com a Pide, em benefício próprio. Destaca que alguém ajudou o Ingratidão a fugir, comprometendo o Comandante Sem Medo.

“EU, O NARRADOR SOU O CHEFE DE OPERAÇÕES” (PEPETELA, 2013, p. 209). O Chefe de operações expõe a tensão o povo Angolano era conduzido, e a constância de ex camponeses, colonos que se tornavam guerrilheiros, demonstra novamente a inserção tribal como kimbandas que projetavam ataques brancos, kikomngos que queriam restituir o reino do Congo. Toda uma luta para obter o domínio da raça em um território que pudesse ser livre e fixar seus povos.

“EU, O NARRADOR SOU O CHEFE DE OPERAÇÕES” (PEPETELA, 2013, p. 220). O Chefe de operações com a suposta invasão da base que na realidade foi tiros em uma cobra surucucu mobilizou um contra-ataque rápido onde todos saíram como podiam, nesta hora quando Sem Medo percebe que não era um ataque, já chegando com seus homens, demonstrou a rapidez com que agir, superando assim o Comissário que demorou em tomar uma atitude. Naturalmente em vez de enraivecer achou graça e com isso ganhou o respeito e a admiração de todos, na base e em Dolisie, mesmo sendo kikongo, que em Dolisie predominavam os kibundos.

“EU, O NARRADOR SOU LUTAMOS” (PEPETELA, 2013, p. 235), Lutamos está apreensivo com o ataque que planejam para o outro dia em Pau Caído, e reflete sobre a desconfiança dos guerrilheiros sobre o povo de Cabinda. Ele sendo de Cabinda sente o peso da responsabilidade em lutar e salvar os dois lados. O povo e a luta, reflete também sobre a ida de Sem Medo para o Leste, pois sabe que Sem Medo combate o tribalismo.

“EU, O COMISSÁRIO POLÍTICO” (PEPETELA, 2013, p. 235). O comissário com a morte de Sem medo, o referência dentro de sua metamorfose, com a morte de seu comandante e assumindo seu lugar sente que os ensinamentos de Sem Medo estão presentes em sua nova posição.

Com a polifonia, Pepetela trouxe presente todo o foco de *Mayombe* que é o tribalismo, trabalhando dentro da narrativa da primeira pessoa como uma forma de expressar seu sentimento, assim ele traz o que é de real dentro de sua fala, para expressar o sentimento de busca de liberdade de seu país.

6 ANGOLA NO PÓS-INDEPENDÊNCIA

Mayombe mostra a Angola nos seus maiores conflitos e assume um país retalhado e altamente desorganizado. Existe uma crítica no livro da organização das pessoas que queriam a liberdade do país, mas seus campos de objetivos e união eram rasos. Isso abarcaria um certo desfavor para a consolidação de diretrizes mais sólidas, mesmo depois da liberdade do país em 11 de novembro de 1975, e amplamente retratada por Pepetela, que ainda dizia que tudo o que acontecia no país era por permissividade do povo angolano.

Depois desse feito, Pepetela já descreveria em *Mayombe*, que a busca da efetivação de uma nova composição política no país, não seria fácil, tampouco implantar ideologias socialistas. Isso porque, tudo pode ser mudado quando se assume o poder, e muitas das decisões da construção de uma nova nação não seriam chefiadas por um único homem, mas por diversos.

A imagem 1, mostra o momento histórico da independência de Angola e conclamado por Agostinho Neto, um dos líderes do MPLA, que mostra em seu discurso que depois da libertação do país, os angolanos jamais poderiam traçar novas guerras com seus colonizadores, e sim, postular momentos fraternos de relações sociais, como foi tratado em um dos trechos do livro *Mayombe* por Pepetela.

Imagem 1 - Dia da Libertação de Angola em 11 de novembro de 1975.



Fonte: Reis (2015).

Conforme trecho do Livro *Mayombe* de Pepetela (2013, p. 78)

Quando acabar a guerra. Quando fizeres parte dum Partido vitorioso e glorioso que conquistará o poder e que considerará pagãos todos os que dele não fizerem parte. Quando estiveres sentado no poder, pertencendo ao grupo restrito que dominará o Partido e o Estado, depois da primeira desilusão de constatar na prática que o socialismo não é obra dum dia ou da vontade de mil homens. (PEPETELA, 2013, p. 78).

Liberato (2015) infere que depois da guerra, Angola começou a explorar seus recursos naturais para crescer economicamente, mas sua condição social, financeira e educacional corrobora para montar um índice ainda muito baixo de desenvolvimento humano (IDH) do país. Nesse sentido, os problemas são muitos no país, mas espera-se que todos os momentos de guerra para sua libertação ainda ressignifiquem nas novas gerações, um novo sentido de pátria e de vontade de torná-la para todos.

Pepetela em entrevista a Buala (2012, s.p.) fala da situação atual de Angola

Depois da Guerra da Independência e da Guerra Civil, como vê estes anos de paz?

Houve grandes avanços nalguns campos, noutras avançamos pouco. O país está a crescer economicamente, está a conseguir repor infra-estruturas fundamentais e tem havido crescimento económico. Mas não tem havido suficiente desenvolvimento humano. Há uma grande precariedade nas condições de vida. Metade da população é pobre. Está-se a crescer em termos de educação, mas ainda não conseguimos pôr todas as crianças na escola, o que deveria estar feito há muito tempo. Conseguimos isso em 1980 e depois houve um retrocesso. Avançou-se no campo da saúde, com uma diminuição da mortalidade em geral e da infantil em particular. Mas há ainda uma grande diferenciação social. Há uns poucos que são muito ricos, e que gostam de

mostrar que o são, e uma grande maioria da população que é muito pobre. Há ainda um grande caminho a percorrer. Devia-se ter andado mais depressa nesse sentido. Há dinheiro mal aplicado e os mais fracos pagam sempre. Mas não é só aqui. É igual em todo o mundo. (BUALA, 2012, s.p.).

Pelo que foi visto na obra de Pepetela, é possível observar a influência que a literatura angolana tem para a construção da própria idéia de nação, conforma citado por Inocência Mata (2012, p. 15) “A imagem do país continua a construir-se ainda com o subsídio da literatura”. A autora ainda afirma que a literatura angolana continua a ser utilizada como meio de resistência, a afirmação da identidade, a construção da nação, o projeto utópico e a celebração de um passado histórico (MATA, 2012).

Sobre isso, Chaves (2009) relata que por meio da literatura, os autores, principalmente os africanos, podem expressar o passado de seu país, manifestando as lutas de seu povo e a identidade da nação, que podem auxiliar no planejamento futuro. “A revisitação do passado, cujas referências se alternam entre um período recente e um tempo remoto, é operada como estratégia de recuperação de uma inteireza que teria ficado perdida com os ventos da dominação” (CHAVES, 2009, p. 105).

E neste contexto, Pepetela não é o único escritor a se utilizar da literatura para expressar os acontecimentos em Angola. Outros autores também se utilizaram dos fatos ocorridos em Angola para escreverem suas obras baseadas num universo cultural marcado pela tradição oral, como José Luandino Vieira, Arnaldo Santos, Costa Andrade, Manuel Rui, Henrique Abranches, dentre outros (CHAVES, 2009).

Silva (2020) ressalta que *Mayombe* o faz pensar o quanto os angolanos, e mesmo os demais povos colonizados, são passíveis às mudanças, principalmente as relacionadas à valorização de sua identidade. Portanto, esse comportamento de inferioridade frente aos padrões e os princípios de culturas européias, precisam ser rompidos, de modo a permitir a construção de um futuro no qual os povos africanos valorizem sua própria identidade.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve por objetivo fazer uma apresentação de Pepetela, um dos grandes escritores de Angola, que escreveu muitas obras que retratam contextos e vivências históricas de seu país, como articulado em sua obra *Mayombe*.

Portanto, neste trabalho foi relatado um pouco sobre a biografia do autor, descrevendo sua história e o que o motivou a escrever as obras que traziam a realidade de Angola.

Pepetela lutou em prol da independência de seu país, que viveu muitos séculos debaixo do domínio de Portugal. Neste contexto, o povo angolano almejava sua independência, e iniciaram as manifestações e lutas por esta conquista, que ocorreram em 1975. Pepetela, influenciado pela sua vivência e manuscritos que participou e notificou nesse período, escreveu o livro *Mayombe*.

Mayombe é um romance no qual se utiliza de personagens envolvidos na guerrilha para discorrer sobre um romance ocorrido em meios aos conflitos que ocorreram principalmente no meio da floresta *Mayombe*. Foi justamente o nome da floresta que motivou o autor a intitular sua obra.

Mayombe ainda é caracterizado por ser um romance escrito de forma polifônica, ou seja, ora o narrador fala por si mesmo, ora atua na terceira pessoa, em seus personagens. Este fato permitiu ao escritor dar voz aos personagens que poderiam ser considerados sem nenhum valor, cultura ou conhecimento. Dessa forma, Pepetela demonstra que os menos favorecidos deveriam ser considerados.

Além disso, a obra apresenta como característica, o tribalismo, que ocorreu durante as guerrilhas pela independência de Angola, haja vista que os guerrilheiros eram formados por homens oriundos de diferentes tribos angolanas.

A questão do tribalismo trouxe à tona a diversidade de povos e identidades que Angola possui. Porém, o momento de guerra trouxe para estes povos a necessidade de se unirem para que o objetivo daquela nação fosse alcançado. Mesmo diante de divergências, os tribais se juntaram em prol da independência de Angola, e com isso, alcançaram a vitória.

Na construção de vozes, o autor utilizou este momento para mostrar o sentimento dos personagens dentro de sua narrativa, demonstrando que todo movimento de libertação não buscava apenas a liberdade, mas a busca por uma identidade que fora roubada de diversas tribos, e que destruiu suas identidades criando assim o tribalismo.

Por fim, o estudo aborda o momento pós-dependência de Angola, retratando a situação do povo angolano, que adquiriu sua independência de Portugal, mas que foi alocado sob o comando dos poderosos de Angola. Portanto, o sonho da liberdade não se cumpriu na íntegra, e, por isso, o autor relata que ainda tem muita coisa para ser mudada e conquistada no país. Pepetela afirma ainda, que a verdadeira independência não foi conquistada.

REFERÊNCIAS

- AQUINO, D. P. V.; LOPES, S. A. T. Tradição e identidade n'As aventuras de Ngunga. **Anais... do SILEL – Simpósio Nacional de Letras e Linguística, e Simpósio Internacional de Letras e Linguística**. Volume 3, Número 1. Uberlândia: EDUFU, 2013. Disponível em: http://www.ileel.ufu.br/anaisdosilel/wp-content/uploads/2014/04/silel2013_2520.pdf. Acesso em: 24 jan. 2021.
- ASSIS, R. G. F. F. de. **Memórias em trânsito: deslocamentos distópicos em três romances pós-coloniais**. 2013. 62 f. Tese (Doutorado em Literatura Comparada) – Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2013.
- BONATTI, D. A infância colonial e a vivência da guerra em *As aventuras de Ngunga*, de Pepetela: uma escrita de resistência. **Revista Memento**, Três Corações, v. 10, n. 2, p. 1-16, 2019.
- BUALA. “**Não se deseja a morte de ninguém**”, entrevista a **Pepetela**. 2012. Disponível em: <https://www.buala.org/pt/cara-a-cara/nao-se-festeja-a-morte-de-ninguem-entrevista-a-pepetela>. Acesso em 07 de janeiro de 2021.
- CAMPOS, J.S. **A historicidade das literaturas africanas de língua oficial portuguesa**. 2008. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/113/o/26_JosileneCampos_AHistoricidadeDasLiteraturas.pdf. Acesso em 06 de janeiro de 2021.
- CASTELO, C. **A Casa dos Estudantes do Império: lugar de memória anticolonial**. p. 1-18, 2011. Disponível em: https://repositorio.iscte-iul.pt/bitstream/10071/2244/1/CIEA7_6_CASTELO%2c%20A%20Casa%20dos%20Estudantes%20do%20Imp%3%a9rio.pdf. Acesso em: 24 mar. 2021.
- CHAVES, R. *Mayombe: Um romance contra correntes*. In: CHAVES, R.; MACEDO, T. **Portanto... Pepetela**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2010, p. 125-139.
- CHAVES, R. *Pepetela: Romance e utopia na história de Angola*. **Via Atlântica**, São Paulo, n. 2, p. 216-233, Jul. 1999.
- CHAVES, R.; SARAIVA, S. Retrato da elite na perspectiva do romance angolano contemporâneo. **Polifonia**, Cuiabá, v. 19, n. 26, p. 10-25, ago./dez. 2012.
- FRANCO, R. G. Imagens polifônicas de uma memória em risco. **Revista de Ciências Humanas**, Viçosa, v. 12, n. 1, p. 253-255, 2012.
- LIBERATO, E. O antes, o agora e o depois: Angola 40 anos depois. **Revista Angolana de Ciências Sociais**, Luanda, v. 5, n. 10, p. 31-51, 2015.
- LYRA. T. Calmo e Sereno. Artur Carlos Maurício Pestana dos Santos Pepetela esconde trajetória de Lutas. **AT Revista. A Tribuna**. 2019. Disponível em: <https://www.atribuna.com.br/variedades/atrevista/calmo-e-sereno-artur-carlos-maur%3%ADcio-pestana-dos-santos-pepetela-esconde-trajet%C3%B3ria-de-lutas-1.73246>. Acesso em: 05 de jan. 2020.

MACHADO, C.B. Os Romances de Pepetela: Literatura e Engajamento. In: XXVII Simpósio Nacional de História. Lugares dos historiadores: Velhos e novos desafios. 27 a 31 de Julho de 2015, Florianópolis, SC. Disponível em: http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/39/1434416475_ARQUIVO_ArtigoAnpuh2015.pdf. Acesso em: 06 jan. 2020.

MARCON, F. Os Romances de Pepetela e a Imaginação da Nação Angola. **Revista História**, Goiânia, v. 16, n. 1, p. 31-51, jan./jun. 2011.

MATA, I. **A Casa dos Estudantes do Império e o lugar da literatura na consciencialização política**. Lisboa: UCCLA, 2015.

MATA, I. **Ficção e história na literatura angolana: o caso de Pepetela**. Lisboa: Edições Colibri, 2012.

OLIVEIRA, J. **O romance em Angola: ficção e história em Pepetela**. XXVII Simpósio Nacional de História. Natal. Rio Grande do Norte. 2013.P. 1-11. Disponível em: http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1363835660_ARQUIVO_OromanceemAngola.pdf. Acesso em: 06 jan. 2020.

PAIVA, P.H.G.; OLIVEIRA, M. de F. de. Uma Floresta de Homens: “Tribalismo” e Mestiçagem em *MayombedePepetela*. In: XVAbralic. 2016. P. 3408-3419. Disponível em: https://abralic.org.br/anais/arquivos/2016_1491414707.pdf. Acesso em: 06 jan. 2020.

PEPETELA. **Mayombe**. São Paulo: LeYa, 2013.

PRADO, L. **Em “Mayombe”, selva faz surgir o “homem novo” angolano**. Jornal da USP. 2018. Disponível em: <https://jornal.usp.br/cultura/em-Mayombe-selva-e-lugar-para-o-surgimento-do-homem-novo-e-da-angola-independente/>. Acesso em: 06 jan. 2020.

REIS, J. C. **O dia em que Angola se tornou independente**. TSF Rádio Notícias, 2015. Disponível em: <https://www.tsf.pt/internacional/o-dia-em-que-angola-se-tornou-independente-4878441.html>. Acesso em: 07 jan. 2020.

SANTANA, A.L. **Pepetela**. InfoEscola. 2010. Disponível em: <https://www.infoescola.com/biografias/pepetela/>. Acesso em: 05 jan. 2020.

SANTOS, J. F. dos. **Movimento Afro-brasileiro Pró-Libertação de Angola (MABLA): "um amplo movimento"** - relação Brasil e Angola de 1960 a 1975. 2010. 197 f. Dissertação (Mestrado em História) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010.

SERRANO, C. O Romance como Documento Social. O caso de *Mayombe*. **Via Atlântica**, São Paulo, n. 3, p. 131-139, 1999.

SILVA, T. G. *Mayombe*. **Revista Primeira Escrita**, v. 7, n. 2, p. 55-62, 2020.

SILVA, R.V. da R; MATTOS, T.R. *Mayombe*: presença da guerra, perspectiva histórica e memória na construção do romance. **Cerrados 40 - Revista do Programa de Pós-Graduação em Literatura**, n. 40, ano 24, p. 289-302, 2015.

TUTIKIAN, J. Pepetela: uma identidade utópica e uma identidade distópica para Angola. In: _____ **Velhas identidades novas: o pós-colonialismo e a emergência das nações de língua portuguesa**. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2006. p. 89-129.